

Auto-retrato

Portuense de nascimento, Transmontano de origem, Suíço de formação, Europeu de vocação, um metro e noventa, moreno, barba desde 1965, signo do Escorpião, agnóstico, socialista, sociólogo, escrevi, em 1970, com Carlos Almeida, um livro que toda a gente leu, «Capitalismo e Emigração em Portugal», e outro, em 1986, que ninguém leu, «Anatomia de uma Revolução».

NÃO GOSTO DE: muita gente, multidões, barulho, ruído, berros, gritarias, bulício, festas, inaugurações, recepções, Embaixadas, «vernissages», banquetes, engarrafamentos, grupos, fracções, tendências, obediência, centralismo, burocracia, repartições públicas, tiranias, prisões, polícias, vida militar, intolerância, espírito de cruzada, missões, desigualdade social, tiques de classe, discursos pomposos, homenagens, comemorações, cerimónias, votos de pesar, exibicionismo, Amoreiras, Centro Cultural de Belém, nacionalismo, identidade nacional, identidade cultural, relativismo cultural, estruturalismo, objectos teóricos, poemas declamados, folclore, ballet, dança, teatro, escultura, fibras artificiais, praia, Algarve, calor, chuva, automóveis, aviões, barcos, cidades

modernas, centros comerciais, computadores, telefonemas, publicidade na televisão, moda, sucesso, «yuppies», arrogância económica, arrogância intelectual, comícios, vida parlamentar «à portuguesa», intolerância religiosa, covardes, forretas.

GOSTO DE: liberdade, ler, escrever, música, fotografia, cinema, uma dúzia de amigos, conversar, «gossip», solidão, sossego, silêncio, privacidade, gravadores de telefone, campo, montanha, passear, vinho tinto, vinho do Porto, whisky, Inglaterra, Itália, comboios, discos compactos, BBC, «The Economist», «Sunday Times», «Herald Tribune», Oxford, Veneza, Siena, cidades antigas, Alpes, Gerez, Mosteiro de Alcobaça, Nossa Senhora do Cabo Espichel, gravatas de seda, bombazina, algodão, lã, canetas de tinta permanente, dicionários, romances, história, memórias, autobiografias, ensaios, vida parlamentar a sério, fazer leis, política, vida académica, mulheres bonitas, mulheres inteligentes, pessoas com carácter.

(Diário de Lisboa, 1989)

Culturas do exílio¹

Vila Real

Tenho 47 anos. Nasci no Porto. Pouco tempo depois, fui viver para Vila Real e Régua. Até aos 17 anos, vivi por ali. Tenho sete irmãos. A minha família era conservadora, católica e monárquica. O ambiente em casa era perto do regime, sem excessos. Nos anos 1930, o meu pai tinha participado em episódios estranhos, com Rolão Preto e o Nacional-sindicalismo.

Apesar do catolicismo, tivemos uma educação liberal. Pode parecer estranho. A explicação reside talvez no facto de sermos muitos filhos, ainda por cima todos rapazes: não havia tempo para controlar toda a gente!

Sou o terceiro filho da série. Até aos 15 anos, tive uma vida como qualquer outra, a oscilar entre a calma e a irreverência. Em 1958, conjugaram-se diversos fenómenos que mudaram a minha vida. A campanha de Humberto Delgado teve um efeito revelador: passei a considerar-me de esquerda, de-

¹ Este texto resulta de uma entrevista conduzida por Leonor Xavier, que também fez a transcrição e editou. A versão final é uma adaptação do autor. O trabalho destinava-se a uma reunião da SEDES e do Centro Nacional de Cultura (Lisboa, 1989).

mocrata e antifascista. Tive uma crise mística: deixei de acreditar e abandonei a Acção Católica. E comecei a namorar.

Também as leituras tiveram uma mudança: fui pondo de lado os livros mais «próprios», entre os quais os inevitáveis Jules Verne. Passei pelos franceses, que era o que mais havia em Vila Real. Pouco depois entrei pela literatura americana dentro. Ao mesmo tempo, entre os portugueses, fui buscar os que mais «prometiam». Nas últimas estantes lá de casa, estavam aqueles que só se deviam ler «quando formos grandes». Mas não estavam fechados. Lemos tudo, a começar pela «Relíquia», o «Crime do Padre Amaro», «Os Miseráveis» e a «Madame de Bovary». Os americanos foram os previsíveis, que se editavam então em Portugal: Hemingway, Steinbeck, Caldwell e Faulkner. E havia os brasileiros, Veríssimo e Jorge Amado, este último com um gosto especial de erotismo e política.

A seguir aos livros, o cinema era, na Vila Real dos anos 1950, a nossa melhor maneira de chegar ao mundo. Víamos tudo o que lá passava. Mesmo os proibidos e os desaconselhados. Os porteiros do Teatro Avenida tinham uma concepção ligeira das idades de admissão. Nós, os irmãos, éramos todos matulões, o que facilitava. O meu pai, que não gostava de cinema, guiava-se por uns boletins da Acção Católica, que elaboravam uma classificação mais severa ainda do que a oficial. Metade dos filmes eram «condenáveis». Ele informava-nos, mas não proibia. E como não queria ir ao cinema com a minha mãe, encarregava sempre um filho de a acompanhar. Era um dever que se cumpria com o coração aos saltos! Os primeiros filmes que vi, entre os que hoje recordo, foram os de Hitchcock e John Ford. Creio mesmo que o meu primeiro filme adulto foi o «Rebeca», que me deixou impressionado.

Vila Real era uma cidade fechada. Ir ao Porto, a 100 quilómetros de distância, era uma «viagem». Lisboa, nem se fala.

Praticamente ninguém conhecia o estrangeiro, a não ser a Galiza, que fica a menos de uma hora. Por isso considero que tive sorte, quando, aos dezasseis anos, tive a oportunidade de ir a Inglaterra passar uns meses com um irmão, o Nuno. Fomos para uns campos de trabalho de juventude. Trabalhávamos na agricultura a plantar couves e apanhar morangos e feijão. Mas sobrava tempo para passear e conhecer gente, sobretudo estudantes de toda a Europa. Passámos um tempo em Londres e em Paris, no regresso. Nunca mais fui o mesmo. Regressado a Vila Real e ao Liceu, tinha uma ideia fixa: sair daquela cidade, voltar ao estrangeiro.

Coimbra

Aos dezassete anos, fui para Coimbra. Matriculei-me em direito. Não havia sociologia, que era o que queria, aliás sem saber muito bem de que se tratava. No primeiro ano, era o que se chamava então um estudante «voluntário», trabalhava e estudava ao mesmo tempo. Só a partir do segundo ano é que, em princípio, era estudante a tempo inteiro. A verdade é que a maior parte do meu tempo passava-o no grupo de teatro. Inscrevi-me no CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra), onde passava as noites e parte das tardes. Foi o António Caeiro que me levou.

Demorei dois anos a fazer as cadeiras do primeiro. Mas fiz muito teatro. O encenador era um homem formidável, o Luís de Lima, que esteve muito tempo proibido de trabalhar em Portugal. Aliás, viveu a maior parte da sua vida no Brasil, onde ainda hoje está. Dirigia cursos de teatro, encenava as nossas peças, ensinava-nos o que sabia, nem só de teatro. Falava-nos de Paris e do mundo. Tinha desempenhado papéis em filmes que conhecíamos, como um de Clouzot, «Le salaire de la peur», o que me deixava deslumbrado. Trabalhei em